



Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

<https://archive.org/details/revistainternaci2291unse>

# Revista Internacional LAP do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL

## SUMÁRIO

LIBRARY OF PRINCETON

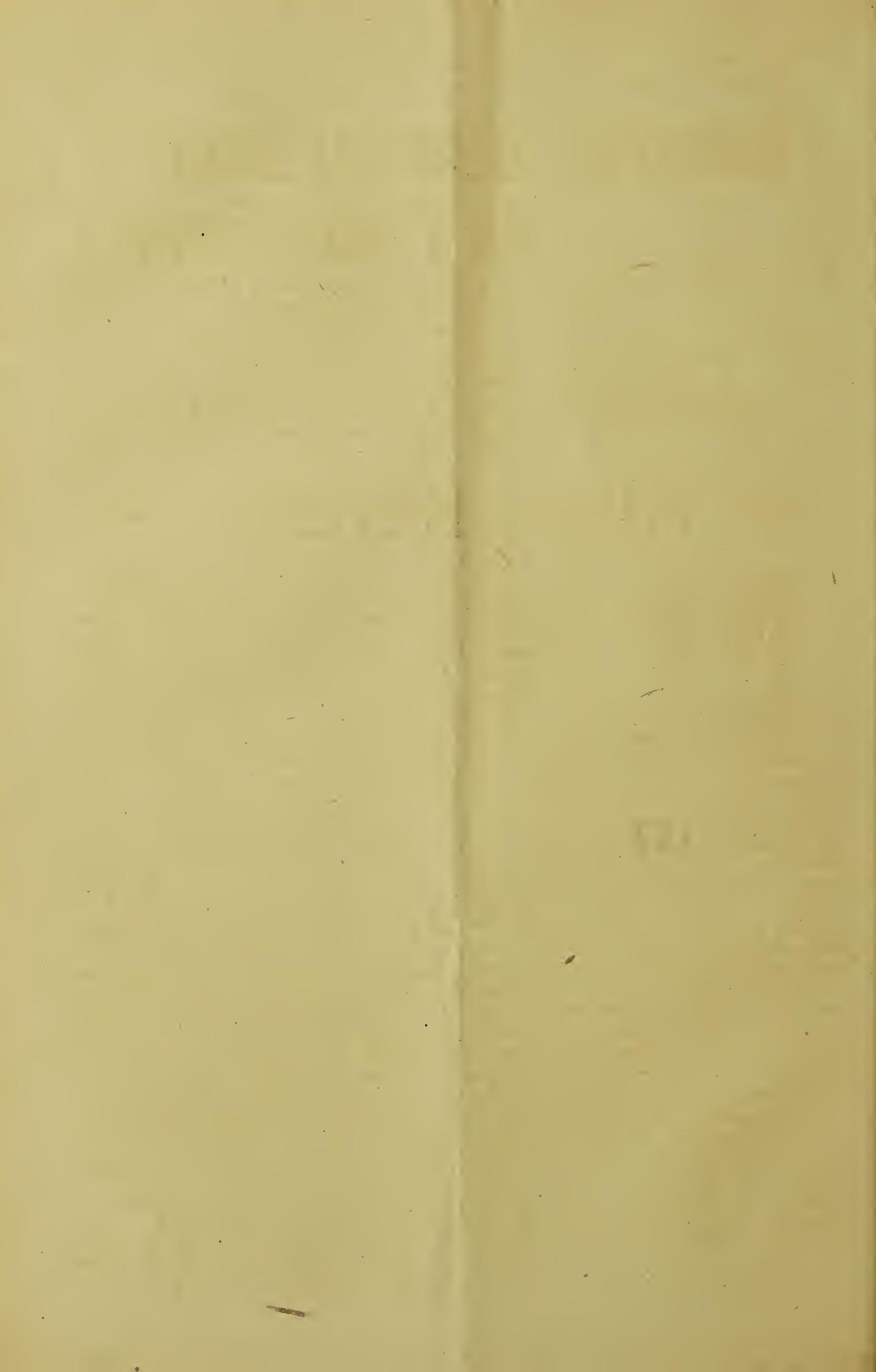
NOV 15 2006

THEOLOGICAL SEMINARY

Allan Kardec . . . . .	<i>Redação</i>
Os Fenômenos de Bilocação . . . . .	<i>Drcf. Ernesto Bozzano</i>
Cruzada do Espiritismo de Vivos . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Fraternidade . . . . .	<i>J. B. Chagas</i>
Em nome de Deus . . . . .	<i>L. F. Rodrigues</i>
Sugestão e Atitude Mental . . . . .	<i>Adaúto de Oliveira Serra</i>
Paulo, Apóstolo da Liberdade . . . . .	<i>J. Herculano Pires</i>
Perguntas feitas por Zilda Portugal ao Espírito de Emmanuel . . . . .	<i>Spártaco Banal</i>
Doutrinas Irracionais as do Espiri- tismo . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Crônica Estrangeira . . . . .	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil . . . . .	<i>Redação</i>
Necrologia . . . . .	<i>Redação</i>







# Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto n. 301      Oficinas : Rua Ruy Barbosa n. 673

## Allan Kardec



ENTRE as grandes datas espíritas, o 3 de Outubro merece particular atenção dos adeptos da 3.<sup>a</sup> Revelação, porque foi nêsse dia, em 1804, que nasceu

Leon Hippolite Denizard Rivail (Allan Kardec), o codificador da Doutrina dos Espíritos. Portanto, o dia 3 deste mês registrou-se o 142.<sup>o</sup> aniversário do nascimento desse ilustre Missionário.

O valor da obra de Allan Kardec avoluma-se à medida que os dias avançam. Sábios e ígnaros, ricos e pobres, todos aqueles, enfim, que tiveram a suprema felicidade de ingressar na fileira espírita, rendem-lhe, neste dia, num culto de amor e veneração, justas homenagens, como um preito de gratidão pelos incalculáveis benefícios dêle recebidos através de suas obras, que constituem um facho de luz a desfazer as densas trevas da ignorância dos homens, com relação aos magnos problemas do espírito.

A biografia de Allan de Kardec é pouco conhecida, porque o espírito de sistema, preso aos *rudimentos antigos* e aos seus interesses pessoais e materiais, tem procurado, por todos os meios ao seu alcance, embaciar a sua obra, como se efetivamente alguém pudesse impedir o brilho do sol.

O 3 de Outubro é comemorado apenas pelos espíritas, não sendo portanto, uma data oficial. Mas temos a plena convicção de que num futuro talvez próximo êsse dia será registrado no Calendário como uma das datas magnas da cristandade, porque Allan Kardec é um dos componentes da Falange do Espírito Consolador ou Espírito de Verdade, que Jesus prometeu enviar em seu nome para restabelecer todas as cousas.

Vamos fazer um resumo biográfico dêsse grande espírito :

Allan Kardec fez em Lion, França, sua terra natal, os seus primeiros estudos, completando em seguida sua bagagem escolar em Yverdun (Suíça), com o célebre professor Pestalozzi, de quem cedo tornou-se um dos mais eminentes discípulos e um colaborador inteligente e dedicado. Múltiplas vezes, quando Pestalozzi era chamado pelos governos europeus para fundar institutos semelhantes ao de Yverdun, confiava a Allan Kardec o cuidado de o substituir na direção da sua escola. Era bacharel em letras e ciências, doutor em medicina e linguista distinto; conhecia a fundo e falava corretamente o alemão, o inglês, o italiano e o espanhól.

Em 6 de fevereiro de 1832, firmou-se em Paris o contrato de casamento de Allan Kardec com a pro-

fessora de 1.<sup>a</sup> classe senhorita Amélie Boudet.

Dentre as suas numerosas obras, adotadas pela Universidade de França, citamos por ordem cronológica as seguintes: «Plano apresentado para o melhoramento da Instrução pública», em 1828; «Curso prático e teórico de aritmética», em 1829; «Gramática francesa clássica», em 1831; «Manual dos exames para obtenção dos diplomas de capacidade», em 1846; «Compêndio gramatical da língua francesa», em 1848; finalmente em 1849 encontramos Allan Kardec professor no Liceu Polimático, em que rege as cadeiras de fisiologia, astronomia, química e física. Em uma obra muito apreciada resume seus cursos, e depois edita: «Ditados normais dos exames na Municipalidade e na Sorbonne»; «Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas».

Em maio de 1855 Allan Kardec foi testemunha do fenômeno das mesas girantes. Daí o seu estudo e observações sobre referidos fenômenos que, com o auxílio decidido dos Espíritos, levaram-no a codificar a Doutrina dos Espíritos.

Em 18 de abril de 1857 Allan Kardec fez aparecer a primeira edição de «O Livro dos Espíritos», e em Janeiro de 1861, «O Livro dos Médiuns».

Em 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1858 Allan Kardec, animado pelos Espíritos, lançou a lume a 1.<sup>a</sup> edição da «Revista Espírita».

Em 1.<sup>o</sup> de Abril de 1858 Kardec fundou a Sociedade Espírita de Paris.

Em 15 de Janeiro de 1862 Kardec lançou à publicidade pequena brochura de propaganda — «O Espiritismo em sua mais simples expressão», devendo muitos a êsse excelente trabalho ter compreendido o fim e o alcance do Espiritismo.

Em 1862 Allan Kardec fez também aparecer uma «Refutação às críticas contra o Espiritismo», no ponto

de vista do materialismo, da ciência e da religião.

Em Abril de 1864 publicou êle a «Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo», cujo título foi depois modificado para «O Evangelho segundo o Espiritismo».

No dia 1.<sup>o</sup> de Agosto de 1865 Kardec fez aparecer «O Céu e o Inferno, ou a Justiça divina segundo o Espiritismo».

Em 1868 publicou «A Gênese, os Milágres e as predições segundo o Espiritismo», obra que constitui, no ponto de vista científico, a síntese dos quatro primeiros volumes já publicados.

Allan Kardec fez inúmeras excursões de propaganda pelas cidades mais importantes da França, animando e orientando os seus companheiros na ingente tarefa de difundir a doutrina Espírita.

Por êsse resumo do trabalho de Allan Kardec, os leitores podem fazer uma idéia exata do valor dêsse Missionário que, como Jesus, soube enfrentar e vencer com a espada da razão, os cépticos e obstinados contraditores, que viam no Espiritismo nascente um obstáculo aos seus interesses, como por exemplo, o bispo de Barcelona, que fez queimar em praça pública, pela mão do carrasco, trezentos volumes e brochuras sobre esta Doutrina. Existem ainda hoje muitos *bispos* que, se pudessem, teriam feito com o Espiritismo e os espíritas o mesmo que sucedeu aos inocentes da trágica *noite de S. Bartolomeu*.

Mas os tempos chegaram. A Verdade, como a Fenix renascida das próprias cinzas, ressurgiu com mais vigor, inundando de luz os corações que almejam paz e justiça e os cérebros que vislumbram as grandezas da Imortalidade.

A Allan Kardec, pois, o nosso preito de grande estima e admiração, as nossas sinceras homenagens.

---

Jesus está com aqueles que guardam a sua doutrina no coração e que se esforçam por fazê-la medrar nas almas sedentas de luz, de conforto, de fé e esperança.

MARIQUINHAS.

# Os Fenômenos de Bilocação

(Continuação)

Prof. ERNESTO BOZZANO

## 4.a CATEGORIA

É forçoso convir que as observações feitas se apresentam tão evidentes que nem um metapsiquista poderia pensar em as contestar: elas demonstram por assim dizer a necessidade teórica de postular a existência de um «corpo astral» no homem, se se quer interpretar grande parte dos fenômenos supranormais. Isto dito, apresso-me em reconhecer que os homens de ciência aos quais cabe uma grande responsabilidade moral em razão de sua autoridade como representantes oficiais das ciências adquiridas pela investigação experimental, têm o dever de proceder com extrema prudência antes de se pronunciarem definitivamente sobre a natureza das manifestações supranormais, as quais modificam profundamente a orientação que presentemente domina nos meios científicos. O que faz que um homem de ciência pode estar pessoalmente convencido da origem provável de toda uma categoria de fenômenos metapsíquicos, mas abster-se prudentemente de o declarar quando se discute oficialmente.

É aqui se estabelece a pergunta: Para conhecer os fenômenos de «bilocação» como uma aquisição definitiva da ciência, o que ainda seria necessário? Simplesmente isto: que a realidade dos factos de desdobramento do «corpo etéreo» seja demonstrada por meio de provas experimentais tangíveis, de qualquer sorte. Os métodos experimentais próprios para atingir êste objetivo são numerosos, já foram empregados, se bem que com processos científicos a miude insuficientes. Contudo, entre as provas experimentais obtidas, há as que são dignas de atenção, e elas fazem muito augurar o futuro de ditas investigações. Assim, por exemplo, já se obteve fotografias de «dúplos», e entre os mais notáveis, as do capitão Volpi na Itália, dos pro-

fessores Istrati e Hasden na Romania, do Rev. William Stainton Moses em Londres, do coronel de Rochas e do doutor Durville em Paris. Obteve-se também fotografias de fantasmas mais ou menos bem formados no leito de morte de diversos agonizantes. O Dr. Baraduc, por exemplo, teve a fôrça de ânimo de fotografar sua mulher e seu filho no instante da morte. Também foram feitas experiências de desdobramento por meio do hipnotismo pelos mesmos coronel de Rochas e Dr. Durville. Êste último chegou mesmo a obter a «fluorescência» de uma carta induzida de uma substância especial, colocando-a na parte do espaço em que a sonâmbula localizava o «duplo» de outra pessoa distante e deitada, achando-se então em sono hipnótico. Citam-se ainda outros exemplos de «dúplos» que manifestaram sua presença provocando efeitos físicos; com Eusábia Paladino obtiveram-se à distância — e esta vez o facto é de granito — impressões de seu rosto exteriorizado o que quer dizer do seu «corpo etéreo» desdobrado e materializado. Sobre a autenticidade destes últimos fenômenos, já não é permitido suscitar dúvidas, também se deveria legitimamente considerá-los como aquisição da ciência, o que, teóricamente falando, não é muito exigir.

Quanto às outras modalidades experimentais precedentemente enumeradas, fôrça é convir que podem ser rejeitadas em parte devido à insuficiência de detalhes ou a possibilidade de as interpretar pelas hipóteses da sugestão e auto-sugestão. Isto escrevendo, não pretendo afirmar que as pretensas causas de dúvida sejam legítimas, mas simplesmente que os métodos de experimentação e de contrôle têm necessidade de ser mais rigorosas para atingir a certeza científica.

As memoráveis experiências do Coronel de Rochas e do Dr. Durville, sobretudo, merecem ser assinaladas,

porque foram conduzidas com método rigorosamente científico por homens plenamente conscientes das dificuldades inerentes a tais investigações. Eis, em breve, em que consistem as experiências do coronel de Rochas:

Como se sabe, êle conseguiu obter o fenômeno de *exteriorização da sensibilidade* em seus próprios *sujets* graças aos habituais métodos magneto-hipnóticos, fenômeno que ia se acentuando à medida que se prolongavam os passes hipnóticos, até que as camadas concêntricas da sensibilidade exteriorizada vinham, por assim dizer, polarizar-se à direita e à esquerda do *sujet* e que se percebia sob a forma de duas colunas fluídicas luminosas diversamente coloridas, colunas que acabavam por se aproximar, reunir, confundirem-se e constituir uma sorte de fantasma que ao mesmo tempo repetia cada movimento do *sujet*. A existência do fantasma podia ser estabelecida com certa segurança pelo facto de o *sujet* experimentar rapidamente as sensações correspondentes ao contacto ou à dôr quando, sem êle o saber, se tocava ou pinçava o lugar por êle indicado ou ainda se por acaso alguém atravessasse essa zona. Por outro lado, certa vez aconteceu que o *sujet*, tendo por acaso dirigido seus olhares durante seu sono, sôbre um espelho à sua frente, teve a ilusão de se ver diante de outro fantasma idêntico ao que estava a seu lado, fantasma que era a imagem refletida do seu «duplo». De outra feita, enfim, o fenômeno, não procurado, se realizou com Eusapia Paladino, que de Rochas havia hipnotizado com intenções diversas. Êle escreve:

Consegui rapidamente mergulhá-la em estado de profunda hipnose, e então ela viu, grandemente estupefata, aparecer à sua direita um fantasma de côr azul. Perguntei-lhe se êsse fantasma era «John». — Não, respondeu ela, mas John serve-se desta mesma substância...» Resposta que não esperava de Rochas e que é altamente sugestiva e instrutiva.

Após as experiências do passado tendente a provar experimentalmente a existência de um «corpo eté-

reo», cumpre aqui citar outras experiências recentes sôbre o mesmo tema, que conduzem a uma demonstração próxima e definitiva neste sentido. Refiro-me a uma série extremamente importante de experiências organizadas no laboratório do «Instituto de Investigações Psicológicas» que traz o nome de seu fundador: Doutor William Bernard Johnson, Instituto criado poucos anos atrás em Reno, Nevada (Estados Unidos). Essas experiências, devidas ao doutor Walter, foram minuciosamente descritas por êle no Boletim de outubro de 1933 do mencionado Instituto, e foram-lhe sugeridas pela teoria «intra-atômica», da Professora Mme. Gaskell, segundo a qual os átomos psíquicos que constituem o organismo de qualquer criatura vivente são interpenetrados por um «elemento vital», «certa vida» a que se deve a organização dos seres viventes. Essa nova unidade ou essência, não possuindo as propriedades físicas do átomo, não entraria nas combinações atômicas, e, conseqüentemente, não poderia formar combinações químicas, mas permaneceria intra—e infra-atômica, e na hora da morte se desprenderia do sistema atômico que ela havia organizado e vitalizado.

A professora, M<sup>me</sup>. Gaskell, em sua obra: *What is Life?* (Que é a Vida?), convidava seus colegas de física e de química, que dispunham de laboratório para isso fazer, procederem a experiências cruciais sôbre esta questão, consistentes a provocar a morte e aplicar ao mesmo tempo métodos aptos para medir, registrar e assinalar por qualquer modo, a «quantidade de vida» que teóricamente deveria se escapar dum agonizante vivo (quer dizer, dum sistema atômico) durante a crise da morte. O doutor Walter aceitou o convite e organizou suas experiências pessoais sôbre êste princípio: se um «elemento vital» realmente existe, então devia ser possível obter provas fotográficas de sua presença por meio de disposições especiais para a experimentação em laboratório. Nêste sentido imaginaram aparelhos e métodos minuciosamente descritos, graças aos quais os experimentadores

efetivamente conseguiram obter fotografias de formas fantasmas bem definidas, determinadas por algo que se separa do corpo no momento da morte. Essas formas reproduziram exatamente o corpo físico do qual emanavam.

Naturalmente, tratava-se de experiências executadas com pequenos animais de modestas proporções. Assim, por exemplo, foi colocado na câmara do aparelho em questão um grande «grilo dos campos» e no momento da morte do inseto foi acionado um aparelho fotográfico que registrou a presença de um grilo-fantasma superposto ao cadáver do inseto.

Idênticos resultados foram obtidos com camundongos e rãs.

O que de mais sugestivo há nas experiências em aprêço, reside neste facto: Quando os experimentadores, ao fim de certas experiências, conseguiram restituir a vida do animalzinho «eterizado», constataram que a chapa fotográfica não fôra impressionada. Pelo contrário, quando a chapa havia fixado o fantasma fluídico do pequeno animal morto, os experimentadores se esforçavam, mas em vão, restituir a vida ao pequeno

animal sacrificado, para o que nunca deixaram de recorrer a injeções de «adrenalina».

O Dr. Walter concluiu ter conseguido demonstrar que durante a crise da morte, do corpo físico escapa-se um «corpo espiritual», inferindo logicamente que aquilo que se verifica para animais pertencentes às formas inferiores da vida deve evidentemente se verificar também para as formas superiores da vida, inclusive a espécie humana, e que se devem obter os mesmos resultados. O que parece incontestável.

Não há pessoa que não veja a extraordinária importância das experiências relatadas, as quais fazem presumir que nos encontramos na véspera de uma demonstração experimental que terá enormes repercussões científicas e filosóficas.

Cumprir observar que tais experiências veem conferir valor científico a certas afirmações de sonâmbulos clarividentes, que podemos ler nos livros de antigos magnetizadores, afirmações segundo as quais acontecia aos sonâmbulos em questão perceberem os fantasmas fluídicos de animais domésticos mortos no mesmo momento na casa em que se experimentava.



## Cruzada do Espiritismo de Vivos



Leopoldo Machado

(Continuação)

A guerra mundial, que está a terminar, assinala sua soltura completa.

Que Satanaz?

Leva de Espíritos imundos, que não encarnavam ha milênios; que, ha milênios, não pairavam na atmosfera da Terra. (Ap. XX—3).

Satanaz, que não é um sêr criado para o mal; que, se existisse, como as religiões dogmáticas o apresentam, seria bem mais poderoso do que seu próprio criador. Do que Deus, de vez que o número dos maus, hipócritas, devassos, desonestos, egoístas, argentários, viciados, é superior aos puros e aos bons. Satanaz que significa *inimigo*, *adversário*, quer venha do hebraico (*xuitan*) ou de egípcio

(*sith*); que quer dizer *desobediente*, *obstinado*, na língua persa (*xatana*).

Levas de Espíritos criminosos, obstinados no êrro e no mal, desceram à Terra e, encarnados uns na pele de tiranos e verdugos, e desencarnados outros, assistindo os primeiros, arrastaram o nosso mundículo ao *dies irae* que aí está, integrando a volta do espírito imundo a sua casa, de que se falou antes.

Dessa descida, resultou a hecatombe verdadeiramente apocalíptica, registrada na História, por seu character universal, pelas visões e figuras apocalípticas nela facilmente reconhecíveis...

Hecatombe apocalíptica que terminará com o fogo do Céu que tudo, in-

clusive o próprio Satanaz, devorará (Ap. XX-10), para que, de suas cinzas, emerja um mundo novo.

O fim da guerra, virá—quem sabe? — com o fim da guerra que sacudiu o mundo.

Se conjugarmos direitinho o espírito da profecia contida, principalmente, em Mateus, cap. XXIV e nas visões do Evangelista da ilha de Patmos, com a guerra que estamos presenciando, fica-se com a impressão de que não teremos mais guerra universal à face do Planeta.

Impressão de que, se tivermos outras guerras, serão entre povos isolados, sem caráter universalista, à guisa de expurgo e de limpeza.

Limpeza e expurgo que serão, principalmente, praticados pela peste, que é, dos males que afligem a humanidade, o mais imparcial e justo, pela maneira indistinta com que age...

Mas, guerra com todas as características apocalípticas que aí estamos vendo?

Não o cremos.

Nossa descrença não será uma dessas verdades que pairam no ar, perscrutáveis, facilmente, por espíritos observadores?

José Lins do Rego, escritor profano, assinala a mesma descrença em bela crônica inserta em O GLOBO.

Dr. Nogueira de Faria faz igual observação no seu pequenino-grande livro, O SOCORRO QUE O CÉU ME ENVIOU.

Confiamos que, com o fim da guerra mundial, que testemunhamos, terminará, também, a Guerra na Terra.

E já termina muito tarde!

E o fim da Babilônia Mística, (Ap. XVII) não implicará guerras fraticidas?

A Babilônia Mística que «deu, a todas as nações, a beber o vinho da ira e da prostituição» (Ap. XIV-8); que «está sentada sobre muitas águas e sobre sete montes» (Ap. XVII-1 e 9); «com que se prostituíram os reis da Terra, cuja queda será chorada pelos poderosos, que se prostituíram com ela» é a Igreja de Roma.

Através da História e das Civilizações, nada houve, afóra ela, que se ajustasse tão bem à visão apocalíptica.

Leia-se, a frio e a sério, o que en-

treviu o iluminado de Patmos, compulsando-se a História da Igreja e o Cristianismo do Cristo, analisando-se os seus processos de dominar, e ter-se-á a prova do que afirmamos.

Não cremos, porém, que a Babilônia Mística seja destruída a guerras de caracter universal.

Ruirá e desaparecerá como está desaparecendo e ruindo: pelo descaso e descrédito em que será levada.

O Cristianismo primitivo impôs-se por si mesmo, a ferro e a fogo experimentados pelos primeiros cristãos.

O Cristianismo de Roma fez-se um estado político para poder sobreexistir.

Como tradição e como um partido político organizado — aliás a obra mais genial do engenho humano, no assêto de Augusto Comte,—é que ainda se impõe, principalmente entre povos fracos, formalísticos, retrógrados.

Não fosse uma velha tradição enfeitada de coisas belas, agradáveis aos nossos sentidos, principalmente ao ouvido e à vista, já não teria, entre o povo, de que tudo suga e a quem nada confere, nenhuma cotação.

De um inteligente participante da FEB., na Itália, ouvimos isto: «O povo italiano não leva a sério a Igreja sinão como um patrimônio artístico, um poderío universal, de que se orgulha».

Outra importância, hoje em dia, já não tem. Ela, que já foi toda poderosa para impôr a guerra e legislar sobre a paz...

Ruirá, naturalmente, cedendo à lei da evolução.

Entre o países católicos do mundo, diz-se que o Brasil ocupa o primeiro lugar...

Pois o Brasil tem 25 vezes menos padres do que a França e Itália!

E é em vão que o clero lança clamorosos apêlos às famílias católicas para enviarem seus filhos aos seminários.

A vida é fácil e calma, os ganhos são polpudos, a consideração é grande, mas os moços brasileiros não estão para isso...

Ruirá assim, naturalmente, como o fruto podre que cai.

Ademais, porque e para que guerras que sacrifiquem tantos monumentos de arte: as igrejas amplas, ricas, sempre fechadas?

Não poderão ser, de futuro, tem-

plos abertos, transformados em escolas e oficinas, lares cristãos e centros espíritas?

Porque e para que sacrificar padres e freiras, que poderão ser excelentes mestres-escola, boas donas de casa e mães desveladas? Operários e lavradores, mecânicos e artistas, de que se está sentindo, atualmente, tanta falta?

De tal maneira está ruindo assim, naturalmente; que os padres, a despeito do todo-poderosos que sempre se julgaram, já não dispõem, por si sós, de recursos para dar-lhe prestígio. Valem-se, desesperadamente, da influência secular para tanto. Onde, as ligas católicas e as congregações marianas que repontam por toda parte...

O fim de um mundo velho, de «instituições decrépitas, que se afundarão num mar de sangue». (Profecia do Espírito de Hahnemann, *Obras Póstumas*, de Kardec) é o que se está observando, para que de suas cinzas, reponte aquele mundo de mansos e pacíficos prometido pelo Cristo...

E das instituições caducas, a Igreja de Roma é das principais...

O Cristo não iria prometer que os mansos e pacíficos possuiriam a Terra, apenas por prometer. (Mat. V-5)

Ele, que afirmara passaria o Céu e a Terra sem que passassem suas palavras.

Já não será tempo de cumprir-se a sua profecia?

E dos guerreiros e violentos, e dos viciosos e criminosos, e dos retrógados e trapaceiros serem precipitados às trevas exteriores, onde ha choro e ranger de dentes, afim de que os pacíficos e mansos desfrutem o verdadeiro reino de Deus na Terra?

A destruição de tudo, consequência de uma hecatombe ainda maior, que as aparências deixam adivinhar, é que não podemos aceitar, embora vendo no Apocalipse, muito claramente, como já demonstrámos, o «fogo que desceu do céu e devorou tudo».

Mas, uma nova terra e um novo mar, porque de gente mansa e boa e de ondas leves e bonançosas, conforme a natureza climática do Planeta, surgirão (Ap. XXI.—I)

Uma destruição total, a bombas atômicas, seria a destruição das palavras do Cristo. E de um planeta que ainda não

passou por suas fases todas de evolução e de progresso.

*Nossa Cooperação com o Alto*, para que se registre, mais depressa ainda, o Primado do Espírito na Terra, condição e característica essenciais de um perfeito Reino de Deus entre os homens, é o que está faltando.

Colaboremos com Deus, a benefício dos colaboradores, que Deus não precisa, é obvio, de nós!

E essa colaboração deve trazer ao espírito um grande desvanecimento, pela honra de cooperar numa grande obra de civilização e de espiritualização.

Pois, é para merecer tal honra e envidar tal colaboração que estamos sendo chamados.

O chamamento vem do Alto: é obra do Mestre e Senhor.

A escolha só depende de nós: é obra de nosso esforço e boa vontade.

Daí, os poucos escolhidos, dos muitos chamados da sentença do Cristo.

*Depois, e então virá o fim*, adverte o Senhor, concluindo as pregaçãoes proféticas. (Mat. XXIV-14)

Fim do Planeta, destruído por explosões atômicas, ou por outras catástrofes?

Não é possível, que o Senhor não permitiria isto se dêsse depois da pregação de Seu Evangelho.

Ele, que não consentiu lhe viesse o fim, quando Seu Evangelho ainda não era sentido e praticado!

O fim de um mundo velho, caruncho e viciado, irreligioso e materialista, para que, de suas cinzas —repetimos, construído seja o reino da Luz, da Paz e do Espírito.

E' o que se depreende disto: «Será pregado êste Evangelho do Reino por todo o mundo, em testemunho a todas as nações e, então, virá o fim» (Mat. XXIV-14).

*O Evangelho ainda não foi pregado a nação alguma, eis a verdade.*

Não é pregado às nações anti-cristãs.

Não o préga a Igreja de Roma.

A ignorância religiosa de sua gente assombra, dí-lo o grande sacerdote-escriptor Huberto Rohden.

E dí-lo assim, depois de percorrer o Brasil inteiro: «encontro por toda parte

uma profunda e vergonhosa ignorância da Revelação divina».

Isto, na maior nação católica do Globo!

Nem por isso deixa o reverendo ilustre de descobrir, como nós, também, através de nossas excursões, que «vai por todas as latitudes e longitudes do Brasil, um sôpro de promissora primavera espiritual».

O Evangelho do Cristo ainda não mereceu da Igreja de Roma nem 10% da apreciação que lhe tem merecido a *Rerum Novarum*, que em nada beneficiou o mundo e o seu rebanho.

Resolveu a questão do pauperismo?

Teóricamente, por palavras bonitas, exatamente como o Estado Novo, que

tanto infelicitou o Brasil, resolveu todas as questões sociais, dizia a *hora do Brasil...*

Depois dela, os católicos abastados continuaram do mesmo jeito, indiferentes ao pauperismo, no mesmo passo em que continuaram com os largos donativos à Igreja.

E a Igreja, talvez por se julgar paupérrima, sem encaminhar os largos donativos recebidos aos verdadeiramente necessitados!

Sempre lhe foi mais cômodo e mais prático encaminhá-los aos próprios cofres, à construção de mais igrejas, para permanecerem completamente fechadas.

Donde, ser, nos países católicos, maior a miséria, o pauperismo bem mais deprimente!

# Fraternidade!

J. B. CHAGAS

E' o grito que ouvimos partido de todos os lados. E' preciso confraternizar, pois, dias tristes se aproximam do planeta! Nada mais justo. O Espiritismo não se compraz, realmente, com o isolacionismo. Mas, é preciso convir que apenas a reafirmação pública desses anseios de aproximação, não é o suficiente para a sua real objetivação na prática. O estreitar apenas corpos pouco é; indispensável é unir os corações, através de factos concretos. Porque, toda reafirmação das verdades evangélicas, aumenta o acervo de responsabilidades. E' inegavel. No entanto, é bom não esquecer, que ninguém pode trabalhar sinceramente pela fraternidade, distilando, veladamente, mas intencionalmente, fel e veneno em pilulas, porque, do contrário, nenhum mérito teriam as elucubrções em tôrno das lições e exemplos do Mestre. Isso seria, apenas, um simples recordar, seja com retumbância ou não. As atitudes dúbias, não têm mais cabimento no meio espirita.—«Seja o vosso falar, sim, sim; não, não»—aconselhou Jesus. O crente sincero não escarnece do seu próximo, ao mesmo tempo que tece loa ao Senhor! Mentiremos ao nosso missionato tôda vez que colocarmos em segundo plano em nossas atividades os deveres para com o Cristo porque assim procedendo, estaremos, fatalmente,

caminhando por tortuosas sendas, onde só abrolhos e espinhos encontraremos.

— «Uma árvore bôa, só dá bons frutos; de uma fonte bôa não brota água impura» — advertiu Jesus.

O aproveitamento da Arte, nas suas variadas e divinas manifestações, tais como, a música, a poesia, o teatro espírita, tem seu valor na propaganda da doutrina espírita, não o negamos. Porém, as solenidades e assembléias culturais, apenas para atender às conveniências terrenas, com a encenação de cousas profanas, ofendem ao Cristo, e só têm valor quando em nada ofuscam a pureza doutrinária.

A Fraternidade jamais será um facto concreto na Terra, se não passarmos, imediatamente, do plano teórico, puro literatismo, para o terreno da exemplificação objetiva e sincera, pelo grande respeito que devemos consagrar ao Cristo.

Não basta dizer-se cristão, prègar a doutrina do Cristo, e realizar obras em seu nome, se os atos e ações que praticamos, até em público, não testificam em nosso favor e das nossas palavras, mormente quando, velada acrimoniosamente, procuramos ferir o nosso semelhante. Se queremos um cristianismo puro, digno do Cristo, devemos escoimá-lo das teatralidades vãs, que não edificam, erguendo um templo de amôr ao Cristo, de facto,

não apenas nos arroubos ditirâmbicos de uma oratória mais vasia ainda; que muito fêre os tímpanos, e cujo éco, todavia, desaparece no éter, como o vapor das locomotivas, mas sim no íntimo dos nossos corações. Nêsse terreno o Cristo não admite contemporizações: «Quem não é por mim, é contra mim» — disse o Mestre.

Muito sabiamente, Jesus igualou o Amor de Deus, ao amor das criaturas, quando aconselhou que devíamos «amar a Deus sôbre tôdas as cousas e ao próximo como a nós mesmos». E as suas lições e exemplos a êste respeito são edificantes, dizendo mais, «quem me ama cumpre os meus mandamentos!...»

Quem ama a Cristo faz como aquele bom pastor que tendo cem ovelhas, deixou as novênta e nove e foi em busca da que se havia extraviado, e achando-a colocou-a sôbre os ombros, dizendo aos seus, cheio de júbilo e satisfação — «congratulai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se havia perdido!» O amor do Cristo, é renúncia, é abnegação!

Quem ama a Cristo faz como aquele pai, cujo filho depois de haver dissipado todo a sua herança, volta a casa paterna, triste e arrependido, a dizer-lhe contrito: «Pái, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno do teu amor, já não sou digno de ser chamado teu filho!» e esse mesmo pai ordena aos seus servos: — «Tirai-lhe depressa as roupas surradas, metei-lhe um anel no dedo e sapatos novos nos pés. Trazei-me também, um vitelo bem gordo. Matai-o para nos banquetearmos», dando graças ao Pai pela restituição do filho, que era morto e reviveu! O amor do Cristo é perdão, é amor!

Quem ama a Cristo faz como aquele bom samaritano que usou de misericórdia e compaixão com o peregrino que havia caído nas mãos dos malfeitores, atando-lhe as feridas e conduzindo-o na sua cavalgadura, a uma estalagem, dizendo ao estalajadeiro: «Tem-me cuidado dêle: e, quanto gastares de mais, eu te pagarei na volta!» O amor do Cristo é benevolência, é compaixão, é caridade!

Quem ama a Cristo imita na fé o

bom ladrão, Dimas, que do alto da cruz, reconhecendo a divindade de Jesus, re-preende severamente ao seu companheiro, a dizer-lhe: «Nem mesmo supliciado temes a Deus? Nós estamos recebendo um castigo justo, porque somos criminosos; mas êste é um justo, nenhum mal fez!...» e depreca a Jesus a humilde súplica: «Senhor, lembra-te de mim quando estiveres em teu reino!» O amor do Cristo é sinceridade, é humildade!

Quem ama a Cristo age com a fé daquele discípulo de Purna, que implorava ao seu mestre permissão para seguir pelo mundo a prègar a sua doutrina. Tendo o mestre ponderado os perigos que isso poderia acarretar a sua própria integridade física, respondeu o discípulo que estava pronto para enfrentar qualquer impêçilho ou dificuldade. Mesmo assim, o mestre, querendo certificar-se de que o discípulo estava realmente preparado para a missão que iria desempenhar, lhe propõe o seguinte *test*:

— «Discípulo amado, se no cumprimento do teu missianato, os teus adversários, os teus inimigos, te injuriarem por causa da tua crêça, que farás tu?»

— «Bendirei aquele que podendo me ferir, apenas me injuria! — respondeu o discípulo.»

— «E se te ferirem?» — perguntou ainda o mestre.

— «Abençoarei aquele que podendo me matar, apenas me fere!»

— «E se te matarem?» — insistiu, ainda uma vez, o mestre.

— «Perdoarei aquele que me abrir as portas do Nirvana, para onde vão todos os que sucumbem pelo amor do Bem e da Verdade!»

E o mestre maravilhado diante daquela demonstração de convicção de fé viva, abraça o discípulo, satisfeito, dizendo-lhe — «vai e que os Deuses te amparem!...»

Sem renúncia, sem abnegação, sem perdão, sem benevolência, sem compaixão, sem fé, sem caridade e sem amor, ninguém poderá servir ao Cristo!

Nova-Iguassú, Abril de 1946.

*Não é o vosso saber, nem o vosso pergaminho, nem o vosso dinheiro e nem a vossa alta posição social que vos dará o reino de Deus, mas sim a prática dos preceitos crísticos. Não olvideis esta verdade.*

Camargo.

# EM NOME DE DEUS

(De «Mundo Espírita» de 7/9/946)

L. F. RODRIGUES

Repelindo o que se deu em 1934, resolveram os atuais constituintes ditar a nova Constituição «em nome de Deus».

Parece que, descrentes das suas possibilidades de produzirem uma obra perfeita e duradoura, querem os representantes do povo dar-lhe algum prestígio, envolvendo nela o respeitável nome da Entidade Suprema.

Mas esse suposto prestígio, embora divino, não foi suficiente para resguardar a Constituinte de 1934 do golpe de força humana que a invalidou por completo, o que veio provar que não bastou uma simples invocação a Deus para conferir-lhe virtudes transcendentais ou extraordinárias.

Com a intenção da «maior glória de Deus» foi que Inacio de Loyola ensinou a humanidade a arte de sofrer e ser cadáver; que Torquemada inaugurou a Inquisição na Espanha, encarcerando, degolando e queimando muitas mulheres de cidadãos úteis; que Carlos XI e Catarina de Médicis fizeram a célebre carnificina de S. Bartolomeu; que Pedro, o Eremita e Emiliano II iniciaram as Cruzadas; que S. Domingos fundou o mais tenebroso e sanguinário dos tribunais — a Inquisição.

A história nos dá notícias de muitas resoluções humanas, completamente incoerentes entre si, tomadas em nome de Deus. Em diversos concílios, reunidos padres, bispos, patriarcas, cardeais e às vezes, o próprio Papa, em determinado momento levantava-se um daqueles figurões e, muito solene, muito grave, dirigindo-se ao ar, exclamava: «Se Deus aprova, que se deixe estár. Ora, Deus nunca se manifestou em oposição à decisão alguma e sempre aprovou com o seu silêncio os cânones mais contraditórios e absurdos.

Foi assim que, em nome de Deus, 135 bispos reunidos em Efeso, no ano de 449, excomungaram Flaviano e aplaudiram Eutiques; e depois em 451, em nome do mesmo Deus, 600 bispos do Oriente reunidos em Calcedônia,

excomungaram Eutiques e louvaram Flaviano.

Também em 454, se reuniram 338 bispos em Constantinopla e, em nome de Deus condenaram o culto das imagens. Mas 33 anos depois, em outro concílio ecumênico ao qual compareceram muitos bispos que haviam tomado parte no anterior, em nome de Deus, foi restabelecido o culto das imagens!

Ainda em 861, 319 bispos se reuniram sob a presidência de Tocius, bispo de Siracusa, com a assistência dos delegados do Papa e em nome de Deus, condenaram Inacio, patriarca de Constantinopla; um ano depois outro concílio também em nome de Deus restabeleceu Inacio e excomungou Focius; mais tarde em nome de Deus, Inacio foi excomungado e Focius rehabilitado, com os bispos que de novo se haviam reunido, tendo à frente os delegados do Papa...

Estes exemplos desacreditam completamente as obras humanas feitas em nome de Deus.

O sr. Plínio A. Branco em vibrante artigo publicado na revista «A Centelha», de São Paulo, do mês de junho, condena a atitude dos constituintes e nos revela que o primeiro Código de que se tem notícia, contendo uma invocação aos deuses no preâmbulo foi o de Hamurabi, rei da Assíria há mais de 2.000 anos antes de Cristo.

Na parte final do aludido Código, o monarca lança um sem número de terríveis maldições sobre quem quer que se atreva a alterar o texto da lei. A leitura das imprecações contidas nesses epílogos, em que o nome dos deuses é constantemente invocado para lhes dar solenidades, é capaz de alarmar os mais intrépidos representantes do povo.

Talvez que se a nossa futura Constituição contiver nas suas Disposições gerais uma série de pragas e maldições contra os seus infratores, seja mais respeitada e não tenha a mesma sorte da Carta de 1934.

# Sugestão e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— IV —

Miguel Couto é o verdadeiro protótipo da notabilíssima profissão de aliviar o sofrimento alheio, o médico dedicado que soube cumprir evangélicamente a sua nóbre missão de curar os enfêrmos. Era êle quem se alegrava sinceramente com a melhora de seus clientes, rindo com êles deante daquela alegria tão grata dos que lhe deviam a saúde; chorava junto com os parentes e amigos daquele a quem a morte implacável havia arrancado de sob sua proteção, cuidados e desvelos; e nos tugúrios que visitava, furtivamente, deixava o necessário para a compra dos medicamentos e que não raro sobrava para outras despesas.

Sua vida é um edificante exemplo de quem viveu pródigamente espalhando o bem. Êle teve, porém, antecessores e seguidores — médicos insignes e eminentes cientistas — verdadeiros heróis que tudo sacrificaram inclusive a própria vida, em benefício da coletividade sofredora. Surge em primeira plana a figura do mártir da ciência Alvaro Alvim, vítima de sua dedicação à humanidade, após trinta anos de martírio! Francisco Fajardo, José Furtado Beleza, José Lemos Monteiro e seu assistente Edson Souza Dias, todos vítimas heróicas de sua própria devoção à causa comum de minorar o sofrimento e prolongar a vida de seus semelhantes.

Mas voltemos à biologia que é a ciência da vida, que se divide em morfológica e fisiológica. A morfologia estuda os órgãos de um modo geral e é então anatómica; quando estuda os elementos irredutíveis da matéria viva, é histológica. A fisiologia estuda as funções dos diferentes órgãos. A célula é considerada como a menor partícula da matéria viva; é o elemento irredutível. A célula consta de protoplasma, de uma membrana e de um núcleo ou carioplasma. O protoplasma é a base física da vida, segundo Huxley. O protoplasma conserva a célula viva mas depende do órgão metabólico da célula que é o núcleo, para a assimilação. Si toda a célula provem de outra célula, (omnis célula a célula), seria interessante a pergunta: De onde proveiu a primeira célula?

Mas o que nos interessa saber é que vida é função de uma incessante variação que se relaciona com os constituintes químicos, com a forma e com a energia que a célula manifesta; para poder incorporar gases, líquidos, sólidos, substâncias químicas, modificando-os, transformando-os, assimilando-os, desassimilando-os, regeitando-os, eliminando-os, fixando-os, produzindo sempre energia.

E tudo isso, verdadeiro complexo maravilhoso, se realiza no incomparável laboratório de nosso próprio corpo, que possui nada menos que . . . . . 1.000.000.000.000.000 de células, cada qual desempenhando as suas funções particulares.

Para provar a perpetuidade potencial das células, é bastante citarmos o imortal «coração» de pinto — (fragmento de coração extraído de um pinto antes de ter saído do ovo)—e que vive e cresce no laboratório de Carrel em Nova York, graças às soluções ascéticas que recebe êsse coração e ao meio propício onde vive.

Tudo na ciência é maravilhoso e interessante. Não será interessante saber-se que o cristalino do olho contém cinco milhões de lâminas finíssimas, transparentes e justapostas? Não será acaso maravilhoso saber-se que num milímetro cúbico de sangue ha 5 200.000 glóbulos vermelhos? E que poderíamos dizer acêrca do mundo em que vivemos e dos outros que constituem o Universo? Já se sabe, por exemplo, que o peso do nosso Planeta é de 6 000 000.000.000.000.000 de toneladas! Que o diâmetro do sól é 1.390.000 quilómetros! Que o mais simples e mais leve dos átomos é o do hidrogênio. Que o mais pesado e mais complexo é o do urânio. Que cada átomo conserva a sua estrutura graças a unidade de magnetismo ou neutron que é o agente de coesão. Que os neutrons são tão pequenos que seriam necessários 200 sextilhões deles para pesar apenas 28 gramas, mas tão densos que apenas um dedal cheio deles pesaria milhões de toneladas!

Dentro, pois, de um só átomo existe uma assombrosa quantidade de energia. Uma única grama de hidrogênio contém a energia de eletrons planetários capaz de suspender um milhão de toneladas a 100 metros de altura! Que força fabulosa a ciência poderia usar si conseguisse destruir um átomo e aproveitar a energia sub atômica que ficasse libertada! E tudo isso é uma ínfima amostra mínima da grandeza maravilhosamente eloquente da natureza a atestar a Inteligência do Criador de tudo quanto existe e que preside a harmonia incomparavelmente exata do conjunto Universal.

Para nós, a nebulosa originária, a qual por efeito de sua rotação, fragmentou-se dando origem a novos planetas, trazia em si mesma, todas as possibilidades de vida, de desenvolvimento e de progresso. O homem é a última fase de

sua longa e lenta evolução. E os outros planetas que tiveram a mesma origem, oferecem também em circunstâncias diferentes, as mesmas possibilidades de vida mineral, vegetal e animal. Pede-se contudo, o homem intermediário. Mas si ha o homem pre-histórico já sepulto atrás da escuridão dos milênios, como pretendemos prescrutar o que a própria terra já consumiu ha milhões de anos?!

E' que existe na história retrospectiva da evolução humana, um ponto de onde não se póde ir além, apesar de ninguém querer se conformar com a interdição da própria Natureza. Nem tudo é dado ao homem descobrir e desvendar, dado à relatividade do plano em que se encontra, mas o que a inteligência humana já tem realizado é bastante para atestar o reflexo de uma inteligência mais superiora — a do Criador.



## Paulo, Apóstolo da Liberdade



J. HERCULANO PIRES

A luta que o apóstolo dos gentios, vaso escolhido do Senhor, teve de sustentar contra os falsos cristãos, contra os elementos judaizantes infiltrados na igreja nascente, e até mesmo contra apóstolos da envergadura de Pedro, para defender a pureza e o princípio de liberdade do Cristianismo, é a mesma que os espíritas sinceros têm hoje de enfrentar, contra as deturpações e confusões que elementos desorientados procuram introduzir nas práticas doutrinárias. Lendo, por exemplo, a epístola aos gálatas, encontramos ali tantos versículos aplicáveis aos dias de hoje, que poderíamos repeti-la inteirinha, nos centros espíritas, à guisa de palestra. Tudo o que, no admirável texto, lembra os tempos primitivos, poderia ser tomado como simples figura de efeito literário, pois a essência mesma da epístola é uma viva lição aos espíritas, nesta época de confusões que estamos atravessando.

Falando da velha lei mosaica, Paulo estabelece uma esplêndida comparação entre o Velho Testamento e Ismael, o filho espúrio de Abraão, nascido da sua escrava Agar, ao mesmo tempo que assemelha a Isac,

o filho legítimo de Abrão e Sara, o Novo Testamento. E acrescenta, depois de considerações que não devem passar despercebidas para nenhum estudioso: «Mas o que é que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque o filho da escrava não será herdeiro com o filho da livre. E assim, irmãos, não somos filhos da escrava, senão da livre, em cuja liberdade Cristo nos fez livres.» (Vv. 30 e 31, cap. IV.)

A liberdade — eis a tônica das pregações, dos ensinamentos, das epístolas de Paulo. O apóstolo dos gentios é o seguidor perfeito d'Aquele que, por combater a escravidão do dogmatismo e do ritualismo espúrio, terminou crucificado pelos sacerdotes da época. Ele não combate a lei antiga em si, pois reconhece a sua necessidade temporal, mas declara-a vencida, superada pela realização da promessa, e combate o apêgo comodista dos homens às velhas praxes destituídas de sentido. Assim, vemô-lo afirmar, da maneira mais claramente espirítica que poderíamos desejar, nos versículos 19 e 20 do cap. III: «Para que é, logo, a lei? Por causa das transgressões foi posta, até que

viesses a semente a quem se havia feito a promessa ordenada por anjos, na mão de um mediador.» E logo mais, nos versículos 24 e 25: «Assim que a lei nos serviu de pedagogo, que nos conduziu a Cristo, para sermos justificados pela fé. Mas, depois que veio a fé, já não estamos debaixo de pedagogo.»

Elementos judaizantes procuravam minar o Cristianismo nascente, introduzindo na Igreja Primitiva os velhos preceitos da lei. Era tão poderosa a influência desses elementos, tão penetrante, que nem mesmo Pedro e Barnabé, soldados dedicados do Cristo, puderam furtar-se à sua fascinação. Paulo, porém, é a crítica atuante e viva, afastando as imposturas e corrigindo os erros. Resiste a Cephias «na cara», e adverte-o na frente dos outros, «porque era repreensível», porque transigia com os velhos hábitos judaicos, escravizado aos formalismos da época e esquecido da liberdade cristã. Pedro e Barnabé, colunas mestras da Igreja, estavam abalados. Qual seria o destino do Cristianismo nascente, que força de renovação poderia ter, se de novo se abismasse nos preceitos da lei, nas ordenações mosaicas, perdendo a liberdade e a «vida em abundância» que o Cristo nos trouxe? Gigantesca tarefa a que o Senhor depositou nas mãos intemeratas do convertido de Damasco! Ainda hoje as suas palavras de fogo precisam vibrar de novo nas fileiras do Cristianismo redivivo, e aí estão, com o mesmo vigor e a mesma clareza, a vergastar os deturpadores da verdade!

Que poderosa lição nos versículos 13 e 14! Cristo, a benção de Deus para a humanidade sofredora, o verbo encarnado, a promessa divina a cumprir-se na carne, faz-se maldição para nos libertar do cativo. Ouçamos o apóstolo: «Cristo nos remiu da maldição da lei, feito êle mesmo maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que é pendurado no lenho! Para que a benção de Abraão fosse comunicada aos gentios, em Jesus Cristo, afim de que, pela fé, recebamos a promessa do Espírito.»

Abraão recebera a promessa divina apenas pela fé que alimentava em seu coração, sem a subjugação da lei, que só veio aos seus descendentes 430 anos depois. A lei condenava como malditos os que fossem prègados na cruz. Mas Cristo tinha que romper a lei, a falsa lei de or-

denações exteriores, para que a única lei verdadeira, a do amor, que êle viera confirmar e não destruir, pudesse prevalecer entre os homens. A promessa portanto, feita a Abraão fora da lei, antes mesmo da lei, tinha de se cumprir á revelia da lei. E os gentios receberiam, na graça do Cristo, o quinhão da promessa que a lei lhes negava. Depois do Cristo, a lei não pôdia mais prevalecer. Cristo é liberdade, é a alforria prometida a Abraão, é a ressurreição da vida, a emancipação espiritual do homem! E Paulo, deslumbrado por esta suprema verdade, proclama-a a todo instante, advertindo aos que voltam do meio do caminho, procurando de novo os encargos da lei: vasis estais do Cristo, os que vos justificais pela lei; decaistes da graça!» (v. 4, cap. V.)

A Igreja Católica toma estas verdades profundas num sentindo superficial, e apresenta o Cristo crucificado como redenção milagrosa das nossas culpas individuais. A Igreja da Reforma, por suas várias denominações, persiste no erro, firmando o dogma absurdo da salvação pela fé, sem perceber que as obras da lei, condenadas pelas epístolas, não são aquelas que Paulo chamava de «obras do espírito.» Dolorosa cegueira humana, triste preguiça mental da raça humana, que só o batismo de fogo da dôr purificadora poderá redimir!

Cristo é liberdade, e essa é a liberdade que Paulo defende e que o Espiritismo vem reavivar na terra. No Espiritismo, pois, não pôde haver a escravidão dos preceitos da lei, a subjugação dos ritualismos espúrios, do culto exterior inocuo e prejudicial. Não obstante, assistimos hoje a uma nova tentativa de infiltração de práticas obsoletas e ridículas nos centros espíritas. Se concordarmos com isso, se não levantarmos contra o erro o verbo candente de Paulo, teremos de novo na Terra o aparecimento de uma igreja deturpadora do verdadeiro espírito do Cristianismo. Urge, portanto, voltarmos ás palavras de Paulo. Que ela se erga, vibrante e clara, nas reuniões espíritas, lembrando sempre que Cristo não morreu em vão, que êle deu a sua vida para nos redimir da escravidão da lei!

No Espiritismo não subsiste a velha lei, e nem outra mais nova deve lhe ser adicionada. Espiritismo é liberdade. E uma só lei existe, para êle, mas essa é o próprio fundamento da liberdade mais

ampla que o homem pôde destrutar: «Amai-vos uns aos outros». Esta é a única lei, o único preceito, a única subjugação que podemos aceitar. Porque é o jugo leve de que o Mestre nos falava. No mais, simplicidade e pureza em todas as ocasiões. Nem formalismos convencionais e tolos de batismo, de casamento, de recomendação de cadáveres, nem missas disfarçadas de sétimo dia, nem farisaico respeito pela «mesa sagrada», nem atitudes de falsa contrição no recinto dos centros.

De nada valem as convenções exteriores, os velhos simbolismos superados pelo tempo e pela revelação cristã. Pois é Paulo mesmo quem nos adverte, na mais clara e necessária das advertências: «... em Jesus Cristo nem a circuncisão nem a incircuncisão valem nada, MAS O SÊR UMA NOVA CRIATURA» (v. 15, cap. VI). E é êle ainda quem nos pergunta: «Sois vós tão faltos de juízo, que, depois de haverdes começado pelo espírito, acabeis agora pela carne?» (v. 3, cap. III).

## Perguntas feitas por Zilda Portugal ao Espírito de Emmanuel

1.a P. — Prêga-se por amor à verdade ou por amor aos homens?

R. — Prêga-se o Evangelho da Redenção por amor a Deus, abrangendo a verdade que é sua manifestação ao homem que é seu filho, a serviço da nossa própria edificação.»

2.a P. — Como explicar a recusa instintiva que, mesmo sem idéias preconcebidas, sentimos ao lêr certas obras consagradas no Espiritismo?

R. — «A satisfação da leitura procede da sintonia mental entre o escritor e o leitor. Urge, porém, considerar que o êrro merece o trabalho do esclarecimento fraterno, onde quer que se encontre.»

3.a P. — A verdade simples e a inferioridade ilustre confundem; como, pois, discernir entre estas duas confusões?

R. — «A inferioridade ilustre é uma fantasia da ignorância e só pôde confundir a mente invigilante. A verdade simples, todavia, é fonte da vida e não pôde perturbar a ninguém, desde que a nossa alma, à distância do velho egoísmo carnal, esteja convencida de que nós é que devemos caminhar ao encontro da verdade simples sem exigir que ela satisfaça os nossos caprichos complexos.»

4.a P. — Qual o meio que dispomos para demolir a teologia espiritualista?

R. — «A teologia, propriamente considerada, é a ciência das cousas divinas e, dentro de seus quadros militam nobres servidores de Jesus que

merecem nosso acatamento pela sinceridade de propósitos e elevação de sentimentos, embora, quasi sempre, a teologia humana simbolize o cárcere da Revelação. Cremos, pois, que a pergunta deve referir-se ao dogmatismo que, portas a dentro do Espiritismo cristão, devemos extinguir com a iluminação progressiva do raciocínio de cada um.»

5.a P. — Imperator combate o desvirtuamento da teologia, afirmando que Jesus foi teólogo. Que diz o irmão a respeito?

R. — «Jesus foi o maior expoente da ciência de Deus, por excelência, mas, não criou o dogmatismo que disvirtua a marcha sublime do pensamento religioso.»

6.a P. — Na éra apocalíptica onde urge o preparo espiritual, pôde existir interrupção nas tarefas nobres?

R. — «O preparo espiritual decorre das tarefas nobres bem cumpridas e consta do programa de realização para todas as horas evolutivas e redentoras da Humanidade.»

7.a P. — Existem pessoas com faculdade de acordar faculdades em outrem?

R. — «Os irmãos mais velhos, ricos de experiências e virtudes, podem acordar os mais novos, transmitindo-lhes os princípios da faculdade mais alta na vida, que é a faculdade de servir ao Senhor com fidelidade amorosa, até o fim.»

NOTA — A nossa distinta e estu-

diosa irmã em crença, senhorita Zilda Portugal, residente na cidade de Petrópolis, no Alto da Serra, a 25 de Março do ano passado, formulou 23 perguntas e as dirigiu ao nosso confrade Francisco Candido Xavier, de Pedro Leopoldo, Est. de Minas, afim de que elas fossem encaminhadas ao espírito de Emmanuel.

Obtidas as respostas solicitadas, serviram para estudos de um punhado de adeptos da Nova-Revelação,

cujo conteúdo muito contentou aos nossos companheiros de Petrópolis.

Como se trata de lições que podem satisfazer a muitos de nossos confrades, resolvemos publicá-las na certeza de que elas serão de útil aproveitamento para quantos lhes dispensarem alguns momentos de leitura atenta.

*Spártaco Banal.*

Itamarati, 18 de Maio de 1946.

## ☉ DOCTRINAS IRRACIONAIS AS DO ESPIRITISMO ☉

O Pe. Vicente Zioni, o celeberrimo autor do «Problema Espírita no Brasil», propôs-se a provar que são irracionais as doutrinas do Espiritismo. E serve-se, até; de nosso modesto nome e de um escrito nosso em REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO, para justeza de sua tése.

Quanta honra para nós, reverendo!

Já havíamos lido a coisa do padre, dando-lhe a importância que merece: praticámos com ela aquela caridade aconselhada pela irmã Rosalia: deixar falar os tolos. Entretanto, uma bôa amizade de Araxá enviou-nos o LAR CATÓLICO, com uma cartinha, chamando-nos a atenção para ela.

Duas palavras, sómente, sôbre o escrito do reverendo, principalmente, na parte que diz assim: «E' uma indignidade para o espírito humano aceitar doutrinas radicalmente irracionais, opostas à razão e, pior ainda, curvar-se às suas exigências».

De plenissimo acôrdo.

Por isso mesmo reconhecemos a indignidade de uma porcentagem apreciável da espécie humana que vive ainda, escrava a doutrinas irracionais como a de penas eternas, da unicidade da vida humana, da trindade, de sêres votados eternamente ao mal, de um Deus capaz de condenar filhos, obras-primas suas, imagens e similhaças suas aos infernos,

só porque não seguiram tais credos absurdos e outros delitos reparáveis...

Não ha, porém, irracionalidade nenhuma em nada disso. Mas, na teoria de evolução anímica, que não é, ainda, doutrina firmada no Espiritismo, mas objeto de indagação e estudo, como escreveramos! O Pe. Zioni encontra irracionalidade na hipótese do princípio anímico partir dos sêres brutos e ascender à espécie angélica.

O princípio evolucionista, que esposamos, que não repugna, materialisticamente, a um Darwin nem, espiritualisticamente, a um Delanne, é, para o reverendo, uma irracionalidade sem nome. Não encontra irracionalidade, certamente, nenhuma na doutrina que admite cada alma criada para cada corpo, para ser atirada, depois de uma curtissima existência terrena, ao inferno, por toda a eternidade, só porque não passou procuração e dinheiro à Igreja e a seus vigários para tratarem de sua salvação.

Ora, Pe. Zioni!

Se os católicos, que o levam a sério, para quem o reverendo escreve suas tiradas espíritofobas, seguissem aquêle asserto de Paulo, que manda examinar de tudo para aceitar sómente o que fôr bom...

LEOPOLDO MACHADO.

*Dizei a todos que o Espiritismo é o caminho da vida; que só esta doutrina felicitará a humanidade. — CAMARGO.*

# Crônica Estrangeira

## Fantasma de Mulher Inflexível

Reproduzimos de «Les Apparitions Matérialisés», de Gabriel Delanne, o seguinte episódio, inclusive os comentários do autor, um antecedendo o relato e outro sucedendo-o:

Um êrro, bastante difundido, é o de acreditar que a morte transforma radicalmente os indivíduos, de maneira a tirar-lhes os defeitos que possuíam na terra. A experiência espírita demonstrou o contrário. A alma se encontra, após a morte, exatamente a mesma que fôra anteriormente. Um tolo não se transforma em homem de espírito pelo simples facto de desencarnar, e um ignorante não se torna mais instruído por efeito de morrer, salvo no que concerne á sua nova situação. Muitos espíritos levam seus preconceitos terrestres e deles não se libertam facilmente, como o provam as comunicações tiptológicas e as obtidas pela escrita. Temos provas de que as aparições materializadas não escapam a esta regra geral. Aquí vai o relato de um facto perfeitamente típico, narrado por Mrs. d'Esperance, em «País das Sombras»:

«Um senhor idoso era espírita havia muitos anos. Mas sua mulher não mostrava a mínina simpatia por suas idéias. Ela não me inspirava a mesma amizade que eu sentia pelo homem e, em certas ocasiões, as discussões rudes da mulher muito me haviam chocado, fazendo-me sentir profunda compaixão pelo infeliz marido, que prosseguia seus estudos espíritas no ambiente áspero, que eu conhecia.

Ela morreu e eu surpreendi-me ao constatar quanto esta perda afligia o meu velho amigo. Alguns dias após o entêrro, veio êle ao nosso santuário (em casa de Mr. Fidler) sem o intuito de assistir a uma sessão, mas estando presente, resolveu fazer parte. Sua tristeza bastante me sensibilizou, estava pois satisfeita em tê-lo conosco por algum tempo, esperando poder êle encontrar um alívio à sua dôr.

Não me recordo exatamente do que sucedeu no comêço da sessão, mas ainda vejo distintamente abrirem-se violentamente as cortinas, permitindo a luz cair de pleno sôbre o vulto de Mrs. Miller.

Ainda que forçosamente familiarizada com essas cousas incríveis, senti-me *sufocada de espanto*. Não havia êrro possível: *eram seus traços, seus gestos, era ela em tudo. Imediatamente foi reconhecida pelos que a conheceram*. O marido, transtornado pela emoção, quis abraçá-la, mas o fantasma deu um passo para trás e disse-lhe severamente:

— O que fizeste do meu anel?

Não ficariamos mais surpreendidos com a queda de um raio.

—Minha querida, eu não toquei no teu anel, respondeu o pobre homem, não está êle no teu dedo?

E êle rompeu em soluços, enquanto Mrs. Miller retornava ao gabinete donde apparecera. Positivamente, *eu me regozijaria se a pudesse castigar*.

O marido parecia muito angustiado com a evidente contrariedade de sua mulher. Êle nos disse que a mulher, pouco antes de morrer, lhe recomendára não tirar dois aneis que sempre usára. Êle prometera respeitar seu desejo e nada mais sabia; *nada compreendia da censura de sua mulher*. Êle não parecia sentir a dureza dêsse procedimento; mas estou certa que a maior parte dos assistentes sentiram-se mais ou menos revoltados ao verem êsse coração amante e aflito desdenhado por um anel, qualquer que fôsse o valor da jóia.

Mais tarde, Miller nos disse que, voltando a casa, havia questionado sua filha a respeito dos aneis. Esta, desconhecendo o pedido da mãe, havia tirado os aneis, precisamente antes do sepultamento, na suposição de o pai se sentir feliz com a lembrança. Explicava-se, pois, a pergunta severa da morta.

Mrs. Miller voltou muitas vezes para saudar seus amigos, mas *nunca mostrou ter vencido seus preconceitos contra o Espiritismo* e só se utilizava das sessões quando tinha em mira qualquer objetivo a realizar. Todos os que a conheceram — e êstes não eram poucos — *obtiveram provas convincentes de que Mrs. Miller continuava, no mundo dos espíritos, exatamente a mesma que fôra neste mundo, em nada mudada de aspecto, ou de character*.

Interessante é constatar o antagonismo entre os sentimentos de Mrs. Espe-

rance, a médium, e a conduta do fantasma. E' ainda uma prova de não ser a aparição produzida pela médium, tanto mais que o episódio do anél, *ignorado por todos os assistentes*, prova que as recordações de Mrs. Miller pertencem a ela própria e não são hauridas na subconsciência dos espectadores. A dureza com que o fantasma se dirigiu ao infeliz marido, mostra a saciedade que sua passagem ao outro plano de existência em nada melhorou seu deplorável caracter.

Ao contrário, os que foram amantes e bons conservam estes sentimentos e são felizes e, quando possível, procuram mostrar-se aos que amaram em vida.



## Um sonho realizado ponto por ponto

Da China, M. V. Nadarov escreveu à *Light*:

«Mr. A. A. V., que residia em Tóquio, esteve na Polónia em 1912, quando teve um sonho extraordinariamente lúci-

do. Via-se êle numa região inteiramente desconhecida, que presumia ser uma ilha, e o clima era quente. Pouco antes do grande tremor de terra, em 1923, e tendo já passado diversos anos no Japão, visitou, para se distrair, com alguns amigos, uma ilha na baía de Tóquio. Imediatamente depois de desembarcar, sentiu-se chocado pela extranha semelhança entre êsse lugar e a região desconhecida que vira em sonho, muitos anos antes. Tudo o que aconteceu, durante a excursão, se realizou na mesma ordem em que se sucederam os detalhes no sonho. Ora, no sonho, êle vira, no fim, um terrível terremoto e inúmeras vítimas. Viu, pois, tratar-se de uma premonição e tentou persuadir os amigos a deixarem imediatamente a ilha. Todos riram dele, e mais ainda de seu sonho de antanho, que lhes relatou.

Assim partiu êle só... e justamente a tempo de não ser vitimado pela horrosa calamidade... Peço-vos registrar êste caso a bem da ciência. Obtive a informação, diretamente, de uma carta de Mr. A. A. V., sómente alguns dias após o terremoto.

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Excursão á Paulicéia

O confrade paulista Vicente S. Neto, apareceu o ano passado, pelo Carnaval, na Semana Espírita de Cruzeiro, onde os semaneiros viviam horas inesquecíveis de doce convívio e de franca fraternidade, entrando nêsse ambiente onde se impôs, desde logo, pelo seu espírito irrequeto de cavalheiro lhano, alegre, entusiasta, contagiando-se e contagiando a todos.

Desde essa hora, o Vicente tornou-se figura obrigatória das Semanas Espíritas, onde pontifica como elemento de relevo, a prestigiar o movimento de confraternização e dar, com invulgar brilho, a sua cooperação ativa na difusão intensa dos postulados do sublime ideal que de comum nos empolga, não tendo faltado a nenhum dêsses movimentos, depois que neles se integrou.

E não contente com isso, idealizou levar a S. Paulo alguns confrades que às

Semanas Espíritas dão sua contínua cooperação, como ponto de partida para a realização em época oportuna de uma iniciativa de completa confraternização em S. Paulo, com a realização de uma Semana Espírita. E não descansou enquanto não promoveu a ida do Jaques Aboab e Amadeu Santos, do Rio, e do Sebastião Lasneau, de Barra do Piraí, na impossibilidade de, nesta época, levar outros confrades proeminentes a S. Paulo como era de seu desejo. Formulou planos, delineou o programa e no dia 6 de agosto os caravaneiros partiam para S. Paulo, onde os esperava um pugilo de confrades atenciosos. Hospedaram-se na casa do casal José e Ida Cerqueira. Os confrades Sá e Simões colocaram os seus automóveis à disposição dos visitantes.

A primeira visita a fazer deu-se na Sinagoga Espírita Nova Jerusalém de que é presidente o infatigável correligionário J. A. Trindade, que mimoseou os caravaneiros com uma acolhida fidalga e amiga

levando-os em seu automóvel, depois de mostrar-lhes todas as dependências da Sinagoga, a um passeio a todos os pontos pitorescos da cidade. A noite dêsse dia, foi consagrada ao repouso.

No dia seguinte pela manhã, visita aos confrades João Augusto Ferreira, do Centro Espírita Amor e Caridade, Batista Lino, na Livraria Allan Kardec, onde tiveram ensejo de conhecer e rever confrades proeminentes de S. Paulo. Lá encontraram Ermida, Vinicius, Romeu Camargo e tantos outros. Depois do almoço o Batista Lino coloca o seu carro à disposição para uma visita à obra de Maria Máximo, em Santos. Foi uma viagem proveitosa, um passeio agradabilíssimo. A comitiva era composta do Vicente, do Amadeu, do Batista, do Jaques, do Lagneau e do motorista. No Centro Espírita «Ismênia de Jesus», foram recebidos pelos irmãos Edgar e o Cel. Arlindo, cumulando-os de amabilidades e gentilezas. Depois de servido o café, foram-lhes mostradas todas as dependências da vultosa obra de assistência social. O Centro tem um salão amplo e confortável. O Asilo é composto de todos os requisitos modernos e da mais exigente higiene, onde se cuida de 31 criancinhas garridas e bem humoradas. Estão-se ultimando as obras para a breve inauguração de mais uma dependência da Instituição: o «Colégio Espiritualista Ordem e Progresso», que por si só honraria a ação social do Espiritismo, tal o seu vulto grandioso. É uma escola moderna, confortável e quasi luxuosa, constituída em uma construção da atualidade, cujo mobiliário custou para mais de 150 mil cruzeiros. E diga-se de passagem: esta obra está sendo custiada ás expensas de uma só bolsa. Trata-se da oferta pessoal de um confrade proeminente e humanitário, a quem a instituição e a Doutrina já muito devem, cujo nome não nos é dado citar para não ferir a sua conhecida modéstia. Os visitantes regressaram a S. Paulo com os espíritos satisfeitos e cheios de deslumbramento. É que notaram, com alegria, que um pugilo de confrades santistas destemerosos e ativos, à frente dos quais se acham Maria Máximo, Cel. Arlindo Ribeiro de Andrade, Edgar e outros, assistidos pelos bondosos irmãos do outro plano, como Pai Aurélio, Mariquinhas (Maria Martins de Andrade) e outros amigos e protetores.

### Dia 8, quinta-feira

A's 8 horas, concentração dos caravaneiros e outros confrades na Sinagoga Espírita para a partida, daí, em dois automóveis, rumo a Suzano e Poá, para a visita ao Sanatório «Jesus de Nazaré» e o Abrigo «Batuíra», localizados respectivamente nessas localidades paulistas.

A primeira obra a visitar foi o Sanatório, em Suzano. Obra magestosa, cuja construção, delineada, idealizada, dirigida e erigida pelo espírito valente e resolutivo de J. A. Trindade, obedece à mais requintada beleza arquitetônica. As suas múltiplas dependências primam pelo mais rigoroso confôrto em obediência aos mais exigentes requisitos da higiene. Trata-se de um edifício de cinco andares que ocupa uma área ampla, com dependências várias, preparada para albergar milhares de pessoas. Destina-se ao tratamento de pessoas atingidas pelos báculos de Koch. Uma obra, portanto, que o Brasil estava exigindo. Se a parte externa é bela e atraente, a interna encanta pelos seus mil e um motivos de confôrto, higiene e bem estar. Percorrendo os seus cinco pavimentos, analisando as suas custosas instalações, tivemos a impressão de que, para nos aquilatarmos melhor do que é e póde comportar a importante obra, seria necessário, pelo menos, uma semana, apreciando-a detalhadamente. E mais: percorrendo as suas diferentes dependências tivemos a impressão de nos encontrarmos na exuberante Colonia Espiritual que o esclarecido espírito de André Luiz nos descreve em o «Nosso Lar». Basta dizer que a obra, tal o seu vulto, já se tornou alvo da cubiça de algumas instituições profanas, inclusive da Legião Brasileira de Assistência, tentando o promotor da grande instituição, nosso prezado confrade Trindade, com a respeitável soma de cr.\$ 13.000,000,00. Mas a tentação não pegou, porque o nosso arduoso correligionário sabe que é preciso proteger aquêle punhado de tuberculosos indigentes que numa parte do edifício, será recolhido e tratado carinhosamente, de graça.

Servido um «lunch», numa das salas do edifício, os caravaneiros se dirigiram a Poá, em visita ao Abrigo Batuíra. Aqui, não encontraram os visitantes edifícios suntuosos, como os de Santos e Suzano, mas constataram com prazer, existir ao lado das deficiências materiais, exu-

berantes testemunhos de fé, de caridade e amor, no sacrifício provado de um púgilo de crentes dispostos á prova dos maiores atos de trabalho e renúncia. Nada menos de 166 crianças ali estão recolhidas, sob o carinho, a meiguice e a solidicidade da irmã Maria Gianoni Novazzi, e do seu devotado filho que é, aliás, o provedor da instituição. O Batista Lino, que é um benemérito da casa, ia-nos relatando, pormenorizadamente, cada um dos detalhes e dos acontecimentos relacionados com a magnífica obra de assistência social que o vulto inconfundível de Batuirá assiste e orienta, das alturas em que se acha o seu alcandorado espírito e que está, é bom que se o diga, a exigir o concurso e a cooperação de todos os corações bem formados. Está a construir-se um pavilhão que albergará, confortavelmente, para mais de duas centenas de crianças. A Casa de Oração «Lameira de Andrade» é um belo edifício que possui um salão amplo de conferências, devidamente mobiliado, onde se realizam, invariavelmente, as sessões doutrinárias regulamentares. É essa uma obra anexa á grande instituição. Soubemos que o pároco local oferecera cr.\$ 2.000,000,00 para que os espíritas não instalassem naquêle local, que é contíguo á igreja católica, as dependências do Abrigo. Mas os néo-cristãos não venderam a sua consciência pela considerável quantia, porque sabem que, acima de tudo, impera uma outra riqueza — a da tranquilidade de consciência, na satisfação do dever cumprido.

Já haviam soado as 12 badaladas no relógio quando os caravaneiros foram convidados a saborear um succulento almoço na casa do nosso irmão Angelo Joielli, o qual fôra improvisado para 10 pessoas em menos de uma hora. Deve dizer-se que a família do nosso correligionário foi pródiga em cumular gentilezas aos visitantes. Depois do almoço, viagem de regresso á capital paulista.

A' tarde, jantar em casa do confrade Dr. João Augusto Ferreira.

A' noite, reunião no Centro Espírita «Paz, Amor e Caridade», sob a presidência do Dr. João Augusto Ferreira. Depois da prece inicial é lido um ponto do Evangelho que o confrade Amadeu Santos comenta. O presidente, depois de recebidas algumas mensagens do Além e de fazer a prece final, encerra a sessão.

### *Dia 9, sexta-feira*

Almoço em casa do confrade J. A. Trindade. A' tarde, passeio de automóvel, ao Bairro de Pinheiros, para uma visita ao Instituto Butantan. A' noite, palestra íntima entre confrades, em que tivemos o prazer de ouvir o confrade Oswaldo Polidoro, na casa do Cerqueira.

### *Dia 10, sábado*

Novo passeio aos pontos pitorescos da cidade e visitas a confrades. Estágio na Livraria Allan Kardec. Jantar na cidade, em companhia de vários confrades.

A' noite, reunião na Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, na qual falaram os excursionistas. Salão amplo e quasi lotado. Presidência a cargo de J. A. Trindade. São convidados a assentar à mesa os confrades Pedro Franco, José Cerqueira, Ida Cerqueira, Vicente S. Neto, Sebastião Lasneau, Jaques Aboab e Amadeu Santos. O presidente, depois da prece inicial, apresenta aos assistentes os visitantes. Lê um capítulo de «O Retumbar da Trombeta», da autoria de Amadeu Santos e oferece a palavra aos três caravaneiros. Ambiente agradável e elevado, os oradores preencheram o tempo proporcionando ao auditório belas peças de oratória, nas quais se via ressumbrar a mais consoladora doutrina de fraternidade e amor. Depois da prece final, o presidente encerra os trabalhos.

### *Dia 11, domingo*

Depois de saboreado o café matinal em casa do Cerqueira, uma visita à Federação Espírita do Estado de S. Paulo, para assistir à aula evangélica ministrada por Vinicius e para uma aproximação maior com as figuras representativas do Espiritismo em terras de Piratininga. Os caravaneiros foram aí apresentados ao auditório e o Vinicius ofereceu-lhes o microfone, o que êles não aceitaram, reservando-se para a sessão noturna especialmente programada para atuação dos mesmos. Vinicius produz uma bela oração evangélica, uma substanciosa lição moral-doutrinária.

A's 20 1/2 horas, no mesmo local, tem lugar a anunciada conferência de Amadeu Santos, que abordou o tema «Do Espiritismo de Vivos». A imprensa

profana e o Rádio haviam convidado S. Paulo em pêso para assistir à importante reunião. Godoy Paiva, na «Hora Espírita», havia convidado os confrades para assistirem ao ágape cristão. E aconteceu o que era de esperar-se. O vasto salão da Federação foi pequeno para comportar a grande assistência. Cêrca de 1.300 pessoas superlotavam o salão e se estendiam até a rua. Notava-se a presença de pessoas gradas, notadamente de advogados e juizes de direito, já que se anunciára que o orador era versado em ciências jurídicas e sociais.

Godoy Paiva assume a presidência. Os acordês sonoros de uma melodia fina dão a primeira nota no ambiente. Vicente S. Neto faz a apresentação de Sebastião Lasneau, Jaques Aboab e Amadeu Santos. O Jaques faz a prece inicial, que valeu por uma verdadeira profissão de fé, na qualidade de israelita convertido ao Espiritismo. Uma eximia cantora sul-africana canta três admiráveis números de música clássica. A poetisa senhorita Arlete e o poeta Sebastião Lasneau declamam lindas poesias. E foi nêsse ambiente e debaixo de geral expectativa, que o orador da noite tomou a palavra pelo espaço de 65 minutos, arrancando aplausos da grande assistência com os conceitos expedidos no seu improviso. Êle o conhecido e simples Amadeu Santos, chegára afirmar temer a responsabilidade do compromisso tal a propaganda e os adjetivos que lhe haviam emprestado, mas no fim da sua oração, respirou profundamente e dizia: «estou satisfeito. O Alto ajudou-me a desempenhar a árdua tarefa». E de facto, não foi em vão que, por nada menos de seis vezes, a assistência interrompeu o orador com prolongadas palmas. Foi uma noite memorável em que se confessaram satisfeitos e felizes visitantes e visitados.

Finda a reunião, uma ceia em regra num dos restaurantes característicos de S. Paulo.

### *Dia 12, segunda-feira*

Dia consagrado ás visitas de despedidas para a viagem de regresso, pelo noturno das 20 horas.

A' gare da estação «Presidente Roosevelt», compareceram confrades em grande número, desejosos de testemunhar ainda uma vez, com a sua presença, os

seus abraços e os seus protestos de estima e apreço a mais sólida amizade aos irmãos de Barra do Pirai e do Distrito Federal.

E com o deslizar do combôio, terminava um convívio doce, agradável, fraterno e amigo, marcando momentos inquecíveis.

A «Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim», estiveram presentes em todos êsses acontecimentos, na pessoa do nosso representante no Rio de Janeiro, o confrade Amadeu Santos.

## Coligação Nacional Pró Estado Leigo

«Mundo Espírita» de 17 de Agosto, traz longa e pormenorizada reportagem sôbre a *Coligação Nacional pró Estado Leigo*, que após longo período de inatividade, volta a defender a liberdade de consciência, ameaçada nesta hora incerta por que atravessamos, se vingarem as pretensões do cléro romano na Assembléia Nacional Constituinte.

Como espírito da verdadeira democracia, a *Coligação Nacional pró Estado Leigo* conta com elementos representativos de todas as correntes que defendem a liberdade de consciência, entre os quais protestantes, espíritas, maçons, positivistas, etc, que se unem num movimento de solidariedade em favor da separação entre os poderes temporal e espiritual, como base da justiça e da fraternidade cristã e, consequentemente, da paz que deve imperar de facto entre os brasileiros.

A *Coligação Nacional pró Estado Leigo* reuniu-se ha pouco na Capital Federal sob a presidência do Professor Souza Marques, afim de cogitar de um manifesto à Nação. A comissão incumbida de o redigir, compõe-se do Reverendo Dr. Mattathias Gomes dos Santos, chefe das Congregações Evangélicas do Brasil; Dr. Lins de Vasconcelos, da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, e Tenente Honorio Melo, da Federação Espírita do Paraná.

Êsse manifesto, cujo teor «Mundo Espírita» publicou na íntegra, mas que não o fazemos, por carência de espaço, já foi entregue ao sr. Presidente da Assembléia Nacional Constituinte, que recebendo com atenção a comissão encarre-

gada da entrega, prometeu fazer a sua leitura em plenário e, conseqüentemente, a sua publicação nos Anais da Constituinte.

— Em sua última reunião realizada em 10 de Agosto, a Coligação elegeu a sua nova diretoria, que ficou assim constituída :

Presidente, Dr. Arthur Lins de Vasconcelos Lopes; 1.º vice, Everaldo Acestes da Fonseca; 2.º vice, Dr. Antonio Dias Maciel; 1.º secr., H. Melo; 2.º secr., Prof. Aristides Araujo; 3.º secr., Dr. A. Cruz; 4.º secr., Jayme Figueiredo; tesoureiro, Dr. Levindo Melo; bibliotecário, Bertucio de Oliveira Campos.

Empossada a diretoria, foi imediatamente aclamada a seguinte Comissão Permanente de Propaganda: Frutuoso Mendes, Cel. Nunes de Carvalho, Dr. Alcides Neves Ribeiro de Castro, Aurino Souto, Cel. Delfino Ferreira, Dr. Carlos Imbassay, Dr. Efrein Rizzo, Dr. Sinesio Lira, Rev. João de Barros, Dr. Henrique Andrade, Dr. Rodrigues Neves, Jornalista Deolindo Amorim, Rev. Mattathias Gomes dos Santos, Prof. Souza Marques, Dr. Henrique Bernoit, D. Maria Costa, Dr. Lauro Soles, General Araripe de Faria, David Lopes, Cel. Orlando Meireles, Prof. Guayanaz de Souza e Prof. Leopoldo Machado.

## A União Federativa Espírita Paulista aos Espíritas do Brasil

Em Agosto de 1939, quando a Rádio Educadora Paulista, quebrou brusca-mente o contrato que mantinha com a *União Federativa Espírita Paulista*, para irradiar o programa radiofônico Espírita Evangélico do Brasil, essa Instituição Espírita recebeu milhares de cartas de adeptos de todos os Estados do Brasil, solicitando os motivos da inesperada suspensão das irradiações do referido Programa.

No dia 8 do mencionado mês, pelos jornais «*Estado de São Paulo*» e «*Folha da Manhã*», científicámos a família Espírita brasileira de que a interrupção do Programa Espírita, havia sido arbitrária e brutal e que se prendia a perseguições religiosas, mas, que a *União Fede-*

*rativa Espírita Paulista*, já estava tomando todas as providências no sentido de defender os interesses da causa espírita.

Finalmente, voltamos hoje a público para dar aos nossos irmãos de ideal, a devida satisfação.

Depois de quasi sete anos de longa e árdua luta, que sustentámos com aquela Emissôra, a justiça de nossa terra deu um testemunho de honestidade e nobreza que muito honra a jurisprudência brasileira, condenando a Rádio Educadora Paulista, e seu superintendente Dr. José Ayres de Souza Carvalho, a pagar à *União Federativa Espírita Paulista* a título de devolução, indenização e demais despesas, a importância de Cr. . . . . \$ 299,478,80 (Duzentos e noventa e nove mil quatrocentos e setenta e oito cruzeiros e oitenta centavos), de acôrdo com o edital que foi publicado na «*Folha da Manhã*» de 29 de Agosto último.

Os espíritas estão de parabens, não pela indenização monetária que receberão, mas, pela vitória moral que obtiveram nessa insidiosa e vil perseguição à causa divulgadora dos preceitos Evangélicos em nossa terra.

A vitória contra a Rádio Educadora Paulista, está ligada perfeitamente com a causa da *Rádio Piratininga*, pois que, o programa é o mesmo e os perseguidores também são os mesmos. Nós os conhecemos bem.

Queremos cientificar toda a família espírita brasileira, de que a *Rádio Piratininga* está intacta, absolutamente em nosso poder, perfeita como quando fôra instalada, com a força elétrica ligada e pronta para funcionar, assim que alcançarmos a vitória justa, da parte do nosso governo ou então pela justiça de nossa Pátria.

Espíritas!... Tende confiança na justiça de Deus e lutai com dignidade e amôr em pról da causa Evangélica, pela qual Jesus dera a própria vida.

Não olhemos para trás. Não nos encomodemos com as calúnias, perseguições e pedradas que nos são atiradas: pois isso foi o que fizeram ao Divino Mestre. Teremos grande prazer em receber a visita de todos os espíritas interessados na manutenção da Rádio Piratininga e que desejam visitar e conhecer de viso as instalações da Emissôra que nasceu especialmente para divulgar os Evangelhos de

Jesus e que por êsse motivo, sofre a mais iníqua das perseguições.

Espíritas!... A *Rádio Piratinínga*, para a glória da Verdade, terá o dia de sua vitória, voltando ao AR inundando os céus do Brasil com as vibrações consoladoras da *Terceira Revelação*.

Abraços e votos de paz.

Do irmão na fé,

CAETANO MERO.

Presidente.

## A Catedral dentro da Praça Paris

A propósito da projetada construção da catedral, dentro da Praça Paris, foi dirigido ao Prefeito do Distrito Federal, no dia 13 do corrente, o seguinte telegrama:

«Exmo. Sr. Prefeito do Distrito Federal, Rio de Janeiro.

«A Coligação Nacional Pró-Estado Leigo, representando o pensamento de milhares de corporações protestantes, maçônicas, espíritas, teosóficas, esoteristas, positivistas, redentoristas cristãs, católicas brasileiras, católicas liberais, maritanistas e de outras denominações, todas brasileiras e em atividade no país, sabedora de que se cogita de doar à Mitra ou seja ao Vaticano, uma quadra da Praça Paris, nesta capital, «escolhida» pelo cardeal D. Jayme Camara, para ser edificada, ali, uma Catedral Católica Romana, com grave dano cívico, patrimonial, econômico, social e moral para todos os brasileiros, residentes ou não no Rio de Janeiro, vem, com toda consideração, pedir a V. Excia. que evite a perpetração desse atentado contra os interesses coletivos.

«A Coligação pede a especial atenção de V. Excia. para o facto da desapropriação que tem sido feita, inclusive de templos de varios credos, afim de ampliar os logradouros publicos, descongestionando o trânsito da cidade. Se dentro da Praça Paris já existisse qualquer construção, catedral ou não, deveria ser demolida para beneficiar a vida angustiosa da população carioca. Não tem, portanto, nenhum cabimento, a idéia de doar os bens do povo seja a quem fôr. O facto de o pretendente ser o cardeal Camara, longe de diminuir a natureza do es-

bulho, antes pelo contrário, o agrava, visto ser êle representante de um soberano estrangeiro, o Papa, a quem todo clero romano deve absoluta obediência.

«O princípio da separação entre as religiões e o Estado, que tanta harmonia nos deu enquanto vigorou a Constituição de 1891, deve ser mantido. O favor pleiteado visa quebrar êsse princípio e prejudicar a população. Caso fôsse satisfeito, lançaria o descrédito sobre o Poder Público e só serviria para desmoralizar o Governo do senhor General Gaspar Dutra, que, «como Presidente de todos os brasileiros», não deve cometer injustiça, como a que nos ameaça.

«A Coligação defende a liberdade e a igualdade de todas as religiões e cultos perante a lei, aplaudindo o esforço de todas pelo seu progresso próprio, desde que o façam com seus próprios recursos, dentro dos limites do direito comum e sem favores do govenro, que é mantido com o dinheiro dos impostos que arrecada de todos. Os bens públicos pertencem a todos. Beneficiar a igreja romana para que se apresente grande e dominadora, em detrimento das outras, não é justo nem honesto. Finalmente, a Coligação depõe nas mãos de V. Excia. o seu protesto contra a projetada espoliação. Pela Coligação Nacional Pró Estado Leigo, Arthur Lins de Vasconcelos Lopes, Presidente. — Rua Silva Jardim, 23».

## Herança do Pecado

José Russo, um dos mais ativos trabalhadores da Seára Espírita, jornalista e escritor de largos recursos, acaba de nos ofertar, com fraternal dedicatória, dois exemplares de sua recente obra intitulada «Herança do Pecado.»

Em contacto assíduo com enfermos do corpo e do espírito, sobretudo obsedados, José Russo soube, com sabedoria e acerto, tirar as mais aproveitáveis lições, enfeixando-as num volume de duzentas páginas, destinadas a iluminar todos aqueles que ainda vivem nas trevas da ignorância, com relação às cousas do espírito.

Estribado nos resultados de múltiplas experiências com os sofredores incarnados e desincarnados, e de acordo com os ensinamentos evangélicos e

as luzes que o Espiritismo projeta sobre o passado, o presente e o futuro, José Russo, veio, com esta obra, enriquecer ainda mais a biblioteca espírita. É um livro que não deve ficar apenas com os espíritas, mas que deve ser passado para a frente, para aqueles que não conhecem o Espiritismo e que por este motivo ignoram a causa dos seus sofrimentos, das suas provações, como um ótimo auxiliar na solução dos chamados mistérios da vida.

Além do seu valor moral e espiritual a obra em apreço foi doada pelo autor à Casa de Saúde «Allan Kardec», de Franca, uma das instituições hospitalares mais conhecidas e procuradas do país, revertendo o produto da sua venda em benefício do Novo Pavilhão construído recentemente.

Agradecemos a oferta dos dois exemplares.

—A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço: cr. \$ 16,00, e mais 80 centavos para o porte e registro.

## Irradiação

Temos recebido com toda a regularidade a bem orientada revista «Irradiação» que se publica na Capital Federal sob a competente direção da confrade D. Pedrita Valente.

Impressa em ótimo papel, «Irradiação» publica mensagens do Além, subscritas por espírito de luz, mensagens de alto valor moral e espiritual.

«Irradiação» acha-se empenhada nas obras de assistência social da *Cabana de Antonio de Aquino*.

É uma revista digna da leitura de todos os espíritas.

A assinatura anual, para o Estado de S. Paulo, é de Cr. \$ 12,00 Endereço: Avenida Paula Souza, 114, Rio de Janeiro.

## Iluminação

Leopoldo Machado, um dos raros poetas contemporâneos que mais admiramos, com a vantagem de serem todas as suas produções aproveitáveis, visto encerrarem ensinamentos de alto valor moral e espiritual, acaba

de nos brindar, com expressiva dedicatória, com um exemplar de sua recente obra—«*Iluminação*».

Artista perfeito da *musica falada*, Leopoldo Machado reuniu o útil ao agradável, procurando, nas estrofes, iluminar efetivamente o sentimento e a razão, despertar para o belo, o sublime, as forças ativas da alma. Porisso que ler «*Iluminação*» é estar em contacto com o que de mais rico pode desejar um espírito superior.

Nas suas cento e cinquenta páginas, este livro, que pode ser tido como mais uma dádiva do Alto, oferece matéria substanciosa e mesmo indispensável para os festins espirituais que os Centros Espíritas costumam realizar em homenagem a uma ocorrência digna de registro. É um auxiliar, cujos serviços sobressaem de maneira notável, agradando a todos indistintamente, espíritas ou não espíritas.

Recomendamos aos nossos prezados leitores a aquisição desta obra, que não deve faltar nas bibliotecas espíritas.

Agradecemos ao Leopoldo a oferta do exemplar.

—A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço: Cr. \$ 10,00 e mais 80 centavos para o porte e registro.

## Sessão Comemorativa

O Centro Espírita «Irmã Rosa Rodrigues», de Araraquara, comemorando o 142.º aniversário natalício de Allan Kardec, realizou no dia 3 deste mês, às 20 horas, uma sessão especial perante numerosa assistência.

Abriu a sessão, que teve início às 20 horas, o sr. Pedro Jacob Celli, à seguir, usaram da palavra os confrades Campêlo, Costa Filho e D. Augusta de Sá Barreto. Recitaram poesias as srts. Neide Chiarette, «O Espiritismo» e «Morrer», e Maria Zilda Cunha, «A Semente do Senhor», e os seguintes meninos e meninas: Ana Maria Toledo, «Palavras de Irmão»; Adolfo Eric Toledo, «Prisioneiro»; Ivone Carmen Cardoso, «Na Seára de Jesus»; Darcy Fattori, «Ser Espírita»; Neide de Marzo, «Espiritismo»; Orazia de Souza, «Allan Kardec»; Arle-

te Rosigalli Celli, «Ave, Maria!»; Elza Aparecida Cezarino, «Boneca com alma!...»; Alice do Carmo Cezarino, «Sonho!...»; Maria de Lourdes Martins Alves, «Allan Kardec»; Maria José Cezarino, «Avante, Irmãos!»; Ermelinda Batista de Souza, «As crianças e os passarinhos»; Léa Valdivia Canutti, «Quadras»; Marly Toni, «Duas Perólas»; Ruth Toni, «O Leproso»; Dorothy Rice, «Sombra e Luz». Esquete sôbre a instrução da criança pelas meninas Elza Aparecida Cezarino, Maria José Cezarino e Neide de Marzo. Usou da palavra, em nome da Juventude Espírita de Araraquara o confrade Luiz Luca. O joven Gil Perches, encerrando o programa de recitativos, recitou uma expressiva poesia de Guerra Junqueiro, intitulada — «Nova Crença».

Encerrou a sessão, que terminou às 21,45 horas, o confrade Pedro Celli. A seguir, foi oferecida aos presentes lauta mesa de doces.

Afim de participar desse ágape espiritual, seguiu de Matão uma caravana de confrades, aos quais foi oferecido um jantar pelos diretores de mencionado Centro, que está fun-

cionando provisoriamente na residência do confrade Francisco Rodrigues.

A sessão decorreu num ambiente de intensa vibração espiritual, de alegria e espírito de fraternidade.

## Homenagem a Cairbar Schutel

O Programa Espírita Radiofônico, que vem sendo irradiado pela P. R. F. 2 de Rio Claro, aos domingos, das 12,30 ás 12,45, a cargo dos confrades Dr. Almeida Prado e José Dias, agora com a colaboração eficiente do Prof. Elídio Taveiros, dedicou a sua irradiação de domingo, 22 de Setembro, ao nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que, se ainda estivesse entre nós fisicamente, veria passar mais um seu aniversário natalício nêsse dia.

A palestra radiofônica versou sôbre a personalidade dêsse Apóstolo do Cristianismo, sua vida e sua obra, constituindo uma homenagem que o Programa Espírita Radiofônico prestou a êsse inesquecível companheiro, o que agradecemos de coração.



## NECROLOGIA



### D. Gracinda Batista

Em 28 de Setembro próximo passado, no seu lar e com a idade de 62 anos, desincarnou em Itapira, a nossa companheira cujo nome encima estas linhas, esposa do nosso companheiro Onofre José Batista, representante de «O Clarim», da Revista Internacional do Espiritismo e do Sanatório «Americo Bairral»

A companheira que acaba de ingressar na vida espiritual, foi ardorosa amiga da doutrina, difundindo-a por todos os meios ao seu alcance, não só como médium militante, mas acima de tudo, pelo exemplo, pela prática, fazendo do amai-vos uns aos outros a sua

divisa, dando provas evidentes de espírito de renúncia, fazendo de suas economias e recursos materiais, o amparo aos sofredores em geral.

Em 3-10-936, com seu esposo, fundaram o Sanatório «Americo Bairral» de Itapira, instituição de caridade que abriga para mais de 130 enfêrmos mentais, nervosos, toximaníacos e obsidiados e que vem prestando relevantes serviços à coletividade e ao Espiritismo.

Trabalhou durante muitos anos, emprestando seu apoio material e moral aos Centros Espíritas «Luiz Gonzaga» e «Perdão, Amor e Caridade», cooperou na criação da Caixa de Assistência aos Necessitados, que atualmente mantém o Asilo

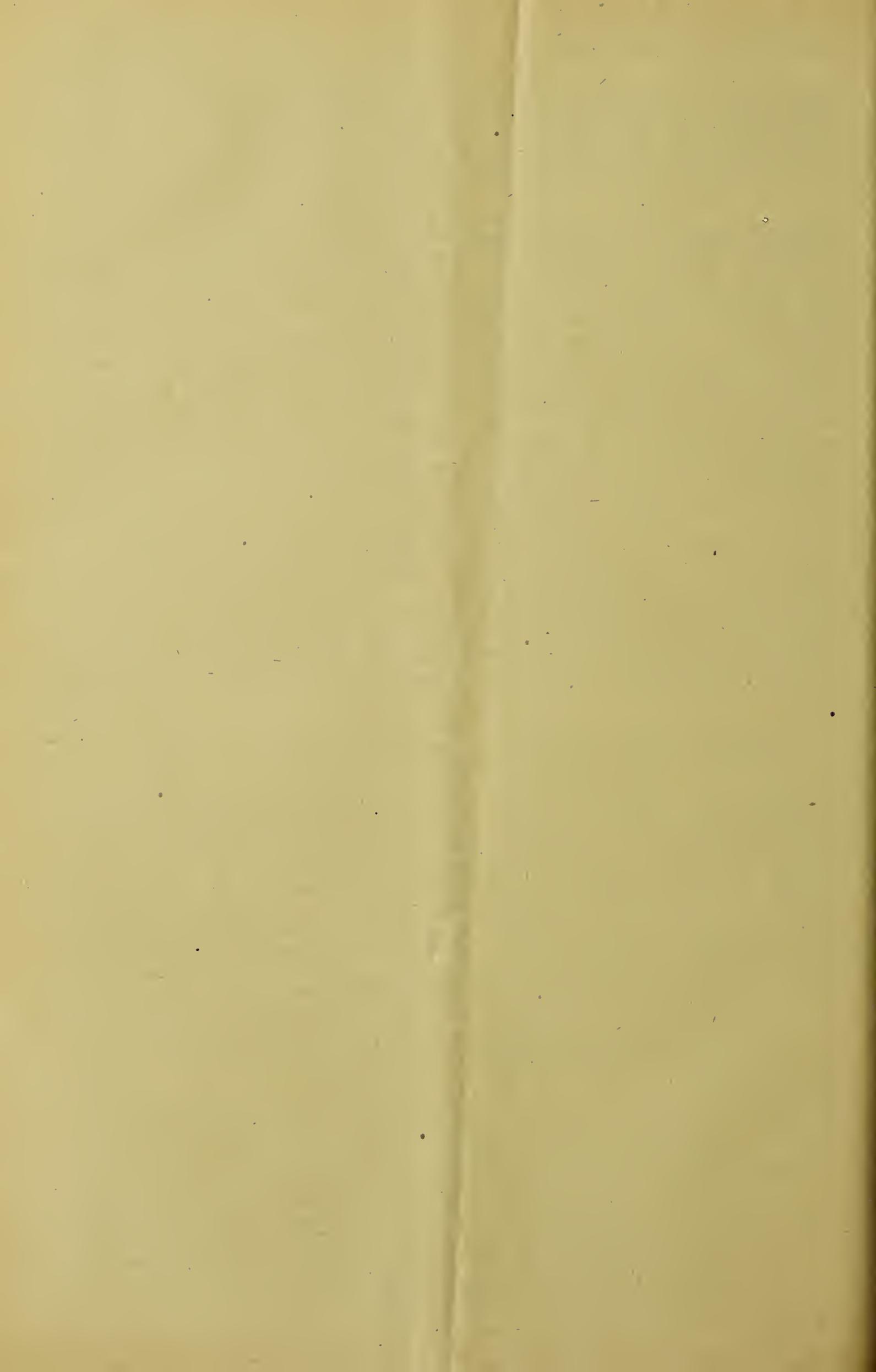
«Luiz Gonzaga», Asilo este dirigido por aquele Centro.

Seu sepultamento foi bastante concorrido, saindo o enterro de sua residência com destino ao Sanatório «Americo Bairral», sendo o caixão carregado pelos internados curados, e daí para o cêmitério municipal.

No Sanatório fizeram uso da palavra o seu esposo Onofre José Batista e seu genro Cesar Bianchi, enaltecendo a obra por ela realizada.

—Solicitamos a Jesus, que receba em seu seio o espírito desta nossa companheira, proporcionando-lhe mais luzes ainda e permitindo-lhe que continue a auxiliar aqueles que como ela, trabalham ardorosamente na seára espírita.







# Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

*Diretor: José da Costa Filho*

*Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração  
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e Ecos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45,00

**NUMERO AVULSO CR. \$2,00**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro



